



José Cardoso Pires

Um Nobel entre a cólera e os demónios

Tal como os amantes em tempo de cólera, também estes, em tempo de raiva, tinham a morte como horizonte. Mas ao deixá-los na página final demoro-me um instante sobre os outros livros e reconheço que neles o amor sempre assim acontece. Sempre.

EM DATA NÃO consignada mas indubitavelmente depois de glorificado pelo Prémio Nobel, Gabriel Garcia Marquez, o Gabo, mandou suspender a cavalgada de coronéis suicidas e de generais apócrifos que infestavam a lenda do Caribe e sentou-se a escrever uma história de amor.

À volta era a pátria de Macondo, que se tornara universal depois das sagas que dela corriam mundo e que se encontram registadas na literatura contemporânea com "copyright" do autor. No centro ele, Garcia Marquez, habitado de fantasmas medalhados, brilhos de ouro e perfumes selvagens, mas agora voltado para o paraíso do rio de La Magdalena, onde ia desaguar a sua narrativa de amor.

Uma nova luz conduzia a mão feliz do narrador para um outro horizonte e para uma outra caligrafia (aparentemente) menos mágica e ele, com coragem e prazer, deixou-a seguir para longe, vida fora. Quase como quem preenche um relato circunstanciado, diria eu; ou como quem desenvolve, verso a verso, um "valenato" do velho folclore colombiano.

E então vimos surgir não um coronel analfabeto envolto em fumos de pólvora, não um terra-tenente sanguinário, não um patriarca no ocaso ou um pássaro humano caído dos céus, mas um burguês silencioso e modesto, um calígrafo a desenhá-lo com obstinação, durante 53 anos, sete meses e 11 dias, o destino que o havia de levar, em lençóis de amor, às águas dum rio sem fim.

Sempre que releio este herói velho e discreto que se sobrepôs às regras do tempo até ao triunfo total, sempre que o revejo a tocar violino para a mulher amada na solidão dum cemitério ou a

contemplá-la na presença dum cadáver exposto, ou ainda a conversá-la num jardim de flores funerárias, sempre que isso acontece vem-me à memória Don Juan nas suas alianças do amor com a morte.

Porque aqui é sob o estandarte negro da cólera que a felicidade segue a corrente do La Magdalena, rio da Glória. Rio da Reconciliação, podemos nós hoje chamar-lhe: é por ele que dois amantes separados por toda uma vida abandonam, já velhos, o mundo que os dividiu para assumirem a paixão como um final redentor, uma coroação. Seguem em viagem triunfal a caminho da morte — sabem isso e não se iludem. Pelo contrário, é essa certeza que os instiga a enfrentar o amor como uma eternidade. É ela que confere a estes heróis de "El Amor en los Tiempos del Cólera" o significado de figuras exemplarmente clássicas da literatura deste século. (Clássico: "o que contém uma frescura eterna" — Ezra Pound, "ABC of Reading".)

MAS HÁ POUCO mais de um ano, em Cartagena de Indias, Garcia Marquez voltou a estender o olhar para os continentes do passado e, em vez dos generais selvagens e dos aventureiros de loucura que invadiam os seus livros de então, encontrou um mundo apavorado pela peste da raiva e por demónios inspirados pela Inquisição que os comandava de longe, das terras de Torquemada.

Cães peçonhentos, "bestas de Belzebu", estendiam a sua sombra pelas legiões de escravos e de leprosos que erravam ao desespero por toda a parte; freiras clarissas em pé de guerra; judeus letrados fugidos ao Santo Ofício; exorcismos; mulheres danadas — esta era a desordem. E um tanto à margem, Sierva Maria, uma adolescente quase criança, sentada num "banquillo", com uma cabeleira dourada, que escorria por ela abaixo e lhe ia até aos pés.

É nesta figura que Garcia Marquez fixa o olhar e aprende os mistérios "Del Amor y Otros Demonios".

Filha dum marquês crioulo e impetuosa de encantos bravios, Sierva Maria também tinha sido mordida por um perro raivoso e iria percorrer o caminho para a morte numa sucessão de humilhações, exorcismos e violentações de mártir.

Indomável, defendeu-se "com dentadas de cão" e olhos de diabo até acabar num cárcere, à guarda duma monja homicida. Mas quando Cayetano Delaura, padre rebelde e leitor de poesia a foi visitar por ordem do bispo, aí toda ela sossegou. "Tenho um demónio dentro de mim", segredou-lhe em voz triste e resignada.

E este foi o aviso para o amor maldito que ambos viveram em angústia até a morte a vir buscar.

Tal como os amantes em tempo de cólera, também estes, em tempo de raiva, tinham a morte como horizonte. Mas ao deixá-los na página final demoro-me um instante sobre os outros livros de Garcia Marquez e reconheço que neles o amor sempre assim acontece. Sempre.

No próximo, que morte terá ele já anunciada? ●